

2128

BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA NACIONAL

Ilustrado redacção da Republica
Rio de Janeiro

REVISTA ILLUSTRADA



Publicação mensal
Assignatura para o Capital
Por anno 108000
Por semestre 58000
Por trimestre 38000

A Revista Illustrada é propriedade da Associação
A publicação de artigos e demandas de natureza geral serão gratuitas
Todos os artigos tendentes a ridicularizar devem ser dirigidos ao Sr.
João de Deus da Misericórdia, N.º 15.
Folha avulsa 600 réis.

Annuaire N.º 1.
Assignatura para o Capital
Por anno 128000 de mais 68000
Folha avulsa 48000 - Adiantado



BIBLIOTECA NACIONAL
S. L. R.

264
51

D. Manuel Joaquim da Silveira, arcebispo da Bahia, conde de S. Salvador.

1872

REVISTA ILLUSTRADA

O pensamento foi creado para voar ao Ceu, sahindo d'o craneo d'o homem, emb' hora seja preciso emprestar-lhe este milhão de azas de que nos falla a escriptura.

V. Hugo.

A lampada serena e brilhante, que torna menos escura, menos medonha, a noite 'n-a qual o povo vive engolphado—é a imprensa periodica.—

É ella o quadro, que desenha a multidão, que pranteia, a multidão, que com anciedade extrema, profunda suas vistas 'n-o Ceu duvidoso d'o futuro!

É 'n-este quadro que o tyranno apparece envolto em uma mortalha sombria, como se fôra seu manto real, e para *decorar* a scena o escravo ali se apresenta em completa nudez, como um selvagem, como um ser inapto a viver 'n-a sociedade humana, como uma entidade zoologica de classe inferior ao homem!

É a imprensa uma tribuna, 'n-a qual o genio se ostenta com suas vestes celestes, e com sua penna miraculosa toca 'n-a rocha d'o deserto, esperando que brote a agua crystallina, que tem de saciar a sede d'a multidão peregrina!

A imprensa é o microcosmo d'os grandes pensamentos, como a palavra é a *chrysaída* d'a idéa.

A idéa se encarna 'n-a palavra, como a revolução se encarna 'n-a imprensa.

A palavra é sempre animada pel-o pensamento individual, a imprensa tem por alma o pensamento d'a multidão!

O nosso programma é a liberdade em sua accepção ampla, é a instrucção d'o povo.

A liberdade foi a phrase sublime que o Christo soletrára 'n-o monte, quando via os povos passarem a seus pés!

A liberdade foi a alma que o Eterno creou para a sociedade; roubar-lhe esta vitalidade, este principio celeste, esta permanencia de Christo 'n-o mundo, é reduzi-la a uma statua, é tirar-lhe este lume divino, que chamão alma, e emprestar-nos esta frieza, esta humidade que só ha 'n-o géllo, que existe 'n-a noite, que reina 'n-o tumulto!

Roubar-lhe a instrucção; este pão que tão prodigamente o Christo partilhára com a multidão, quer

'n-o cimo d'o monte, quer 'n-os marcos d'as estradas; é construir para o povo um leito—sobre o abysmo,—tendo por cortinas os veus sombrios d'a noite!

'N-a verdade, o povo que ouve o susurrar d'as revoluções, que escuta algumas strophes, ainda que lugubres, que percebe alguns cantos ainda que com accentos sepulcraes, alguns sons ainda que descompasados, mas que vêem expirar em seus ouvidos entre-abertos; não pôde permanecer 'n-o leito lethargico, que fôra construido pel-o seus antepassados, por estes astros pallidos, que brilhão com sua luz mortiga e baça 'n-a noite d'o seculo que já baixára a campa!

Nós não queremos a sociedade sem vida, como uma statua, infructifera, como uma arvore, que envelhecêra steril, como a rocha, improductiva, como a areia d'o mar!

Não! nós queremos vel-a subir, se elevar ao seu ideal, fugir d'este circulo eseuo, traçado pel-o governo, que só tem palavras, que só tem phrases para o passado,—que é cadaver!

Nós queremos vêr a lei, que impede a familia universal de caminhar e pensar, que obsta, que asturbas attinção ao ponto luminoso, que incessantemente buscão, nós queremos vel-a quebrada como é quebrada e despedaçada a columna de bronze pel-o riso d'a tormenta, pel-o estrondo d'a tempestade!

Nós queremos a multidão viva, se alimentando com um pão, que se multiplique, como o que Christo repartira—a instrucção.

Nós temos horror, temos vergonha de vêr grupos em uma riba deserta, por-que o navio naufragára, a espera que a primavera ou que a Providencia desça d'o Ceu para soccorrel-os!

Nós sentimos as forças fraquear, a voz amortecer, a idéa perder o seu brilho, a aspiração o seu ideal, 'n-este tempo em que o governo só se volta para uma campa, o passado e nem sequer sonha com o futuro, com esta manhan eterna, lembrada pel-os poetas!

Temos fé, que não havemos de perecer -n'o meio d'a longa jornada, que emprendemos, d'a espinhosa tarefa, que acceitamos.

Temos fé; por-que a esperanza, que nos fortifica, como o maná, que, outr'ora, alimentára o povo 'n-o deserto, quando elle demandava Chanaan; que nos ali-

menta como o sonho alimenta a alma d'a mocidade, não ha-de amortecer como a luz de um cirio fuereio!

'N-a verdade, a nossa alma se prende por um ponto ao Infinito, por um anel a Eternidade, por sua pureza ao proprio Deus!

É por-isso que nós não queremos a noitada, que nos envolve, não queremos a neve, que reina 'n-a campã, não queremos os grupos, que com as mãos hirtas e tiritantes de frio, cruzaõ seus braços 'n-o meio d'a romaria!

Nós queremos proseguir, como a mocidade, esta deusa que com seu craneo de fogo, com sua imaginação ardente, como as lavas de um vulcão, segue, como seguem as aguias 'n-as altas regiões, como seguem os ventos!

O futuro é um templo.

'N-o atrio d'este templo se agrupão os póvos. Chega a mocidade, rasga a cortina, abre-nos a porta e nos franqueia a entrada. . . .

As nossas gravuras

* * *

D. Manuel Joaquim d'a Silveira, nosso prelado, celebre por suas virtudes e por sua erudição. O seu retracto, em nosso modesto—album,—importa um culto, que rendemos á seu subido merito.

* * *

Commendador José de Barros Reis, presidente d'a camara municipal,—homem probo e popular.

* * *

O fallecido senador, Manuel d'os Sanctos Martins Vallasques, magistrado probo e justo, por-isso prestamos homenagem a sua memoria.

* * *

O fallecido dr. Francisco Antonio de Araujo, eminente vulto 'n-a cadeira de advogado, excellente pae de familia, e probo 'n-o exercicio de sua brilhante profissão; por-isso collocamos o seu retracto em nossa galeria.

Azylo d'os doudos

A hediondez d'o carcere, a solidão aterradora e sombria de nossas prisões, a falta de desvelos sam principios que se-oppoem a cura d'a loucura.

Não é o obscurantismo de um carcere, que levantará a razão abatida pel-a loucura!

Quem poderá negar, que o ar mephystico de nossas prisões, o regimen alimenticio 'n-ellas observado, resumem em si pessimas condições d'ahygiene?

E entretanto o homem, que por infelicidade, vê sua razão vacillar, cair, desfallecer. . . poucos momentos depois, se verá em um carcere, em um exilio, aonde a alma se vê aterrada, pois ali só se espalha a crueldade!

E o governo esquece o dever que tem. . . e a sociedade tão má dirigida, vê mais um, depois mais outro. . . filho que enlouquecera, em completa nudez,—'n-o horror de um carcere, talvez sonhando a tranquillidade d'a campã!

Entretanto o povo festejára a terminação gloriosa d'a guerra rutina, offerecendo dinheiro, producto d'o trabalho. . . 'n-o qual destillára muito suor. . . .

E como a caridade deve presidir á todos os festins populares; por-que ella é o ideal puro d'a educação d'a sociedade, succedeu, que a paga d'o povo foi aceita para fundação de um hospital de doudos.

Inspirada idéa! a palma d'o triumpho methamorphosea-se 'n-a palma celeste. . . 'n-a palma d'a caridade—apotheose subl. . . .

O governo embalado por estes sonhos effectuara a compra d'a grande casa d'a Boa-vista, entregando-se a um administrador, com o qual dispende a sancta casa de Misericordia annualmente um conto e tanto!

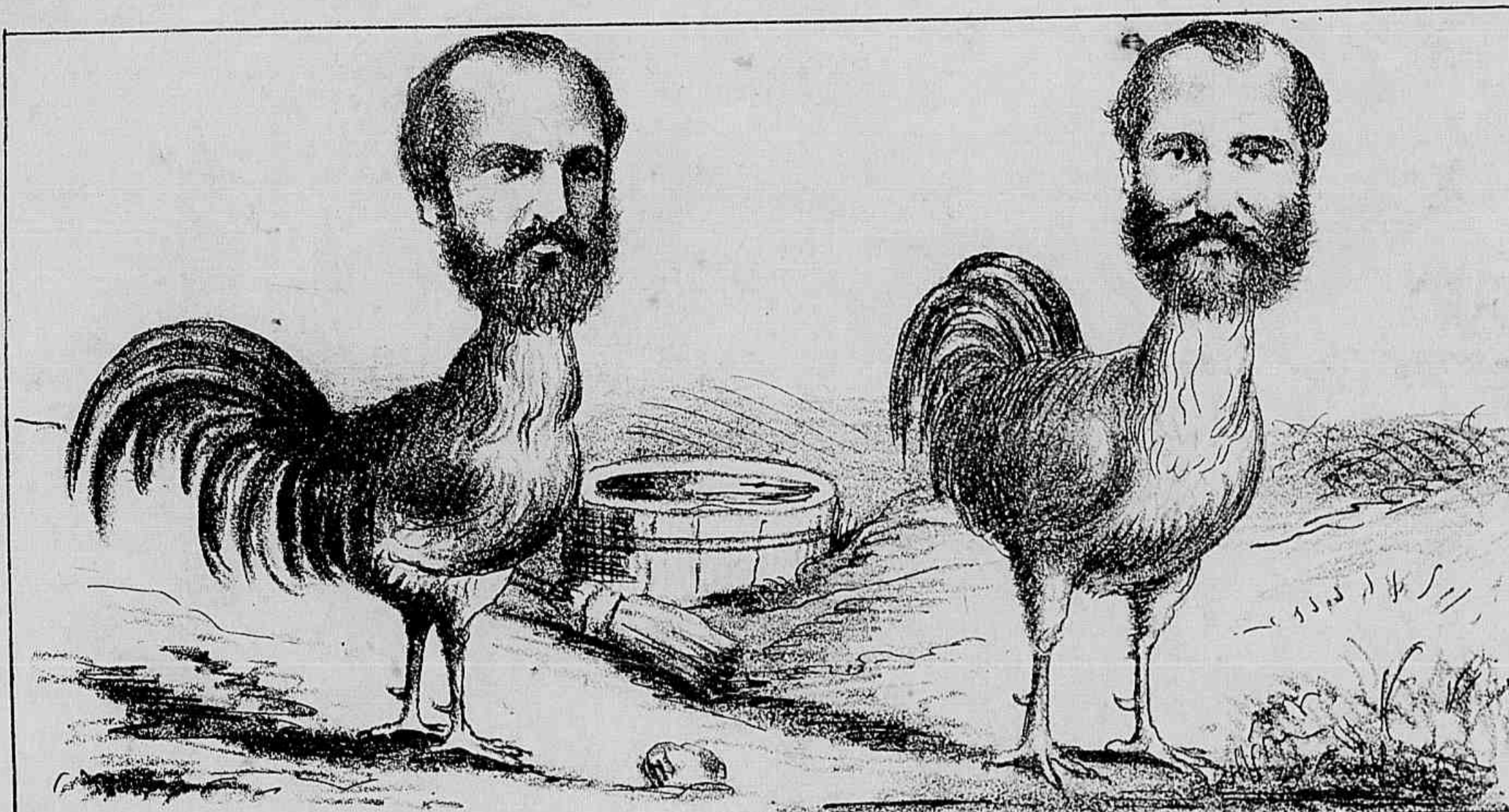
Et e est finit. A idéa parece, que mynhára 'n-o craneo de quem a creára. . . já está envolto 'n-o pó d'o esquecimento tão nobre pensamento!

E' que em nossa terra toda idéa grandiosa, encontra sempre a esterilidade de um sólo. . . .

E' que o povo ou os plebeus, sam esquecidos 'n-as horas extremas de seu soffrimento e de sua dor!

Esperamos vêr despertar este sentimento adormecido, o povo, que tão franca e generosamente fez sua sancta offerenda—quer vêr realisada esta idéa,—quer vêr o cumprimento de uma promessa.

Convictos de que, a nossa palavra encontrará écho, pois ella é animada pel-o sentimento vivo de amor e prosperidade, esperaremos medidas graves e profundas, que tendão a melhorar uma classe infe-



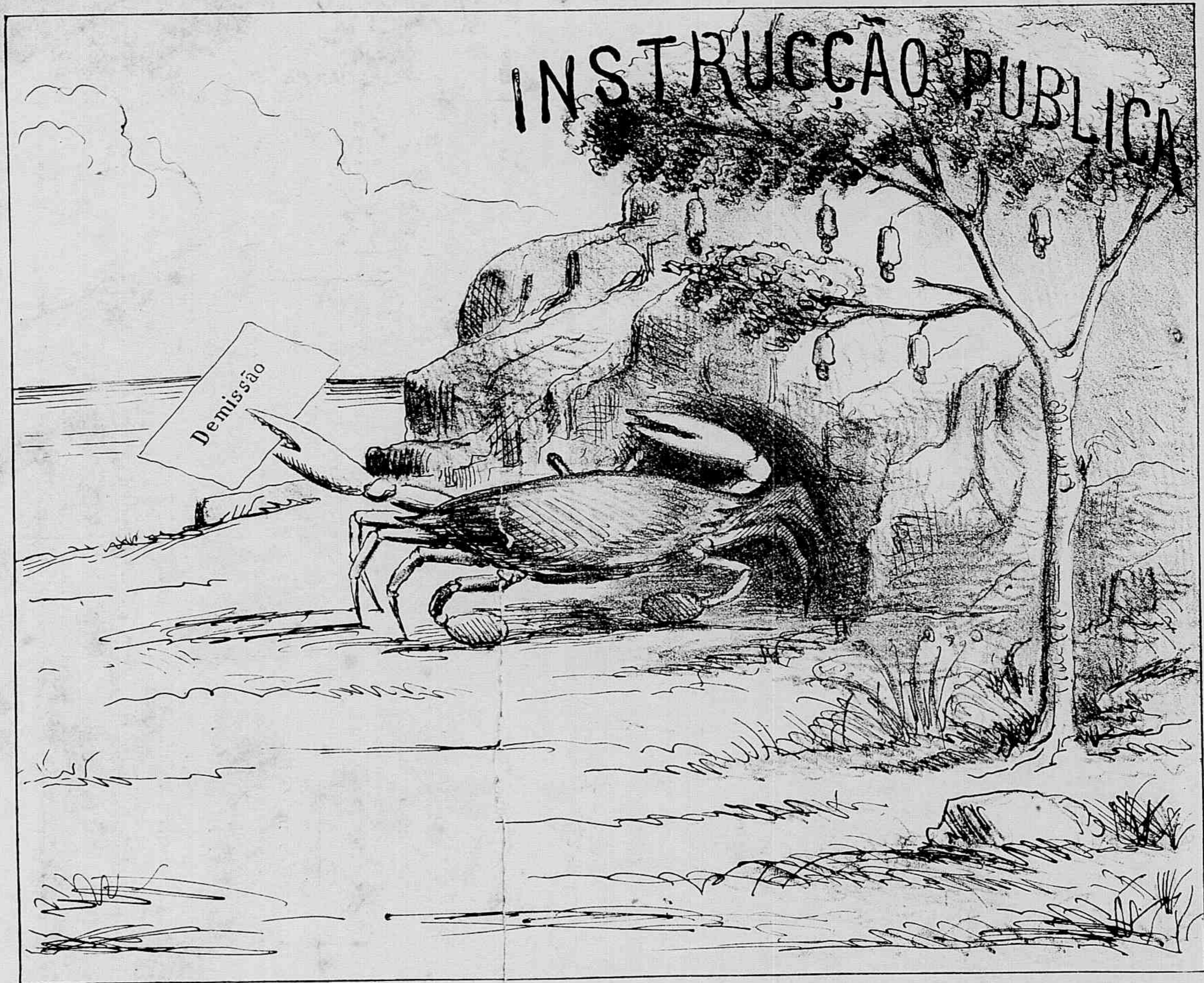
Venceu, venceu, afinal
o sr. dr. Monturo.

Ficando o Gomo d'America
p'ra um outro festim futuro.

Ruínas grutescas d'ó palacio policial



Quem quizer bem decifrar
este quadro interessante,
é olhar para as figuras,
cada qual a mais galante.



As letras muito esperão de tão grandes personagens.

liz,—qual a d'os loucos, d'estes homens, que tendo alma, teem os olhos d'ella cerrados e alumados em uma noite. . . .

As aguas d'o Queimado

Não faz muitos annos que os jornaes d'esta capital annunciarão, que o cadaver de um preto apodrecera 'n-o seio d'agua d'a fonte d'o Queimado.

Já á muitos annos, que circula a noticia, que se popularisa o boato, de que a companhia d'o Queimado ha procurado para nos fornecer d'agua, de outras origens, que não as que favorecem a saúde.

Não é sem razão, não é sem fundamento, que o povo acha, que a agua d'o Queimado é turva e pesada, encerra, como que, algum principio que difficulta o processo digestivo.

Talvez seja este o manancial, ou a origem d'os immensos males, que com-nosco se vão familiarisando; taes como as inflammações e mesmo as epidemias.

A agua d'o Queimado vae se tornando pessima e se o trabalho d'a companhia fôr 'n-a decadencia em que marcha, mui breve aquella agua não poderá preencher o fim a que é destinada.

E' preciso pois, que o governo mande fiscalisala, para que a saúde d'o povo não soffra tão gravemente por causa d'a irregularidade de um serviço.

E agora que a epidemia—atterra com um spectro livido—os nossos visinhos de Alagoinhas, e que o beriberi nos visita contando um numero de victimas, não pouco subido, é preciso que o governo procure vencer o mal, que nos investe procurando satisfazer as exigencias d'a hygiene publica.

E' tempo d'o governo interromper o seu repouso, velar e estar em vigilia pel-a saúde d'o povo.

E' tempo d'elle vêr a agua que se bebe e os generos alimenticios que entrão para o consumo; para que as origens de males se-não accumulem e não venhamos a ter o mesmo flagello que pesára sobre o povo d'esta capital 'n-o anno de 1855.

Continuaremos a discutir a qualidade má d'as aguas d'o Queimado, procurando com as nossas fracas forças, demonstrar por meios scientificos que ella não é potavel e sim nociva a saúde.

Em um d'os proximos numeros d'este periodico apresentaremos serias considerações sobre o serviço d'a companhia d'o Queimado, procurando provar a causa d'a degeneração d'agua; emb' hora seja preciso

fazer cahir alguma culpabilidade sobre os directores d'aquella companhia.

O nosso amigo é o povo,—elle é a nossa familia; é por-isso que d'o alto d'a imprensa, que d'esta tribuna onde a voz é mais estrondosa, procuraremos advogar os seus direitos e curar d'as suas necessidades.

Temos fé, temos plena convicção, de que com o direito, de que com a razão, de que com a verdade, não havemos de perecer, emb' hora mãos poderosas se apresentem 'n-o campo d'a contenda.

O azylo de mendicidade

Desde que a nobre e illustrada redacção d'esta folha, que hoje, por effeito d'a Providencia Divina, erguendo-se d'o seio d'a obscuridade, para apresentar sua frente altiva ante a luz d'a publicidade, vae pel-a vez primeira, cheia de vida, fazer seu cortejo á magestade d'a sciencia, e por cuja conservação fazemos sinceros votos, se ha dignado de acceitar em suas luminosas columnas alguns de nossos ensipidos e por-ventura mal alinhavados escriptos, seja-nos licito, por agora, offerecer-lhe, estes, com relação ao azylo de mendicidade, estabelecido em nossa capital d'a Bahia; agradecendo-lhe 'n-o entretanto tanta honra 'n-a fraqueza de suas columnas.

É assim que causa dó, motiva pena e contrista o coração, ainda o d'o mais estoico, ao ver-se, quer percorrendo atravez d'as ruas de nossa capital, quer atirados ás portas de muitas de nossas Egrejas, esses, por assim dizer, spectros moveis, cobertos de vergonhosos andrajos, que mal lhes cobrem a nudez, mirrados pel-a fome, e ainda resiquidos pel-o frio, que apresentaõ aos olhos d'os transeuntes o quadro o mais repulsivo, a scena a mais tristonha e lamentavel, significativa, sem duvida, ou d'o indiferentismo, mediante o qual vemol-os, vagabundos, transitar, estirando-nos a resequidas mãos, para esmolar um pedaço de pão ou então d'o pronunciado atrazo em que nos achamos por parte d'o governo, que taõ mal ha dirigido os destinos de nosso paiz.

Não declamamos certamente, desde que não só não temos por norma pisar 'n-o fôfo terreno d'as declamações, se-não tão-bem por-que costumamos robustecer nossos escriptos por effeito d'a exhibição d'as provas fundadas 'n-os factos.

Lancemos um golpe de vista em derredor d'o adro d'a Egreja de S. Francisco.

Examinemos por um momento essa scena contristadora, representada desde a frente d'a Ordem Terceira até á ladeira d'o Convento, onde existe o tal azylo.

E sem que esquadrinhemos o que 'n-este se passa, perguntemos á essa turma de infelizes, o que fazem arranchados 'n-as portas d'a Egreja, e obrigados ás paredes de alguns sobrados.

Perguntemol-a ainda, o que é feito d'o azylo, creado para melhorar-lhes as desgraças, e por-que não morarão d'entro d'elle?

E a resposta, creio, será nenhuma.

E então ou ha um azylo de mendicidade ou não ha.

Se ha, sua existencia está 'n-o tempo, e não 'n-a execução, avista d'os factos; que cumpre remediar.

Se não ha, retiramos nosso escripto, ficando á cada um d'esses infelizes e consolar-se em suas miserias.

Mas, desde que temos certeza d'a existencia de semelhante estabelecimento, esperamos, que o governo, solícito como deve ser pel-o engrandecimento, assim d'as provincias, co-irmaus, como d'o paiz em peso, fará com que semelhante azylo, que sómente existe 'n-a palavra, passe d'esta á realidade.

F. J. ALBERTO.

o regulamento d'o conde de la Lipe

Quando a camara geral e o senado, para o fim de vêr melhorado e engrandecido o nosso paiz, ainda novo emb' hora, cercado porem d'as mais vivas inspiraçoens, tem procurado encaminhal-o pel-a vereda d'o acerto, reformando, entre muitas de nossas phylantropicas instituiçoens, com mais affinco, a lei judicaria, por mais de uma vez discutida e emendada, nossa admiração não póde certamente occultar-se aavez d'o reposteiro d'o vergonhoso e reprovado indifferen-tismo, para presenciar-mos diante d'a mudeze d'o silencio, uma d'as mais repulsivas e por-ventura sensuraveis obras, que, como lei militar, corre mundo, com o titulo de—regulamento d'o conde de la Lipe, digna sómente de ser executada pel-o antigos tribunaes d'os Athenienses, e que até hoje, apesar de ser ella uma instituiçãõ sanguinaria, tem sido abraçada e seguida em nosso paiz, sob o mais pronunciado abandono d'os nossos legisladores, sem que uma reforma, sequer, tenha soffrido, nem mesmo sido offerecida ou lembrada, ao passo que altamente se recente d'ella em sua quasi totalidade, tanto mais pel-a forma por-que é posta em sua execução.

E' assim que, quando a palavra eloquente e robusta d'o eminente Victor Hugo, lá d'o alto d'a culta França se levanta cheia de orgulho para lançar uma anathema por sobre a pena de morte e seus sectores, e que 'n-o seio d'as camaras provinciaes de Buenos-Ayres ergue-se essa magna questãõ, tendente a arrancar d'as mãos d'o carrasco official o machado sanguinario, com que á todos os momentos decipa

as cabeças á milhares de victimas humanas, e que ainda as palavras eloquentes d'os notaveis deputados, Goyena, Irigoyen, Carlos Paz, Basabilbaso, Lagos Garcia, Ramon Muniz e Theodoro Baca, se fizerão ouvir por entre os entusiasticos applausos d'o povo, como os paladinos d'a humanidade, contra esse direito de vida e morte conferido ao cadafalso, não sejamos nós certamente, que, quando vemos nossos paiz regido pel-as mais salutaes instituiçoens democraticas, suffoquemos nossa voz, fraca emb' hora, para, contra todos os preccitos, quer Divinos, quer humanos, deixar de fazer ouvir-se nosso solemne protesto, contra um barbaro regulamento d'o conde de la Lipe, desde que bem desejamos poupar a nossa patria essa magna vergonha, e a sociedade, militar, esse drama de sangue, de seu author, tantas vezes representado á sombra d'o estandarte nacional, aparafado com o estrondo d'a musica, por entre o luzir d'as baionetas, 'n-o centro de um quadrado quasi impenetraveis quarteis, 'n-as pessoas d'os infelizes pragas de linha de nosso exercito.

Apreciemol-o. Um soldado por exemplo, embriaga-se: preso incontinente, é metido 'no xadrez: 'n-o dia seguinte, formado o celebre quadrado, comparece á este escoltado, a victima que tem d'espiaer seu crime: batida a muzica, quando esta ha, tres á quatro cornetas com suas espadas de prancha, principiãõ por descarregar sobre as costas d'o infeliz, então sem farda, duzentas, trezentas, quatrocentas e mais espadeiradas, ordenadas *ad libitum* de seu commandante, e batendo sempre a muzica, que procura suffocar os gritos agudos d'a victima d'a victima d'a desesperaçãõ, debatendo-se desapidadamente entre as dores vivas e mortiferas, produzidas pel-a mais cruenta barbaridade.

Findo tão iniquo, quão estupendo qualro, e em que a victima com os bofes, sem duvida, affectados, e as costas 'n-o mais deploravel estado, a ponto de excitar commiseraçãõ, começa logo ou mais tarde por deitar sangue pel-a bocca; e de novo levado ao xadrez, e d'este ao hospital, ou d'ahi é conduzido 'n-a padiola para o cemiterio, sem o menor conhecimento de nossa lei, ou volta, sempre, doente ao corpo, affectado d'os pulmões, ficando assim á evidencia, que, por effeito de uma lei barbara, qualquer commandante de corpo, póde, á seu talante, 'n-o seio de qualquer capital, antes as nossas instiuiçoens livres e constitucionaes, dar a morte á um ou mais soldados, sem d'isso dar á ninguem a menor satisfacão.

Se pois, d'o quanto hemos dito por agora, se tem visto a inconveniencia de semelhante regulamento, fica a evidencia a razãõ que preside a nosso spirito de erguer uma barreira contra elle.

F. J. ALBERTO.



Commendador José de Barros Reis.



Senador Manuel dos Sanctos Martins
Vallasques.



Dr. Francisco Antonio de Araujo.